

ENSAIO TEÓRICO

Entre ciência e barbárie: análise crítica e dialógica dos interdiscursos no mangá Dr. Stone



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Raquel Freitag (UFS)

AVALIADO POR

- Nobu Chinen (USP)

- Luis Filipe Bantim de
Assumpção (Univassouras)

SOBRE OS AUTORES

- Rodrigo Sérgio Ferreira de Paiva
Conceptualização, Curadoria
de Dados, Investigação,
Metodologia, Administração do
Projeto, Escrita – rascunho
original, Escrita – análise e
edição

- Dario Brito Rocha Jr.
Supervisão

- Moab Duarte Acioli
Supervisão

DATAS

- Recebido: 09/06/2025

- Aceito: 16/02/2026

- Publicado: 08/07/2026

COMO CITAR

Paiva, Rodrigo Sérgio Ferreira;
Rocha Jr, Dario Brito; Acioli,
Moab Duarte. (2026). Entre
ciência e barbárie: análise crítica
e dialógica dos interdiscursos
no mangá Dr. Stone. *Revista da
Abralín*, v. 24, n. 1, p. 1-29, 2025.

Rodrigo Sérgio Ferreira de PAIVA

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

Dario Brito ROCHA JR.

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Moab Duarte ACIOLI

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar criticamente os interdiscursos presentes no mangá *Dr. Stone* (2018–2020), a partir de referenciais da Análise Crítica do Discurso (Fairclough), do dialogismo bakhtiniano e da arqueogenealogia foucaultiana. A investigação centra-se na oposição simbólica entre os personagens Senku e Tsukasa, articulando discursos sobre ciência, moralidade e poder. A metodologia consiste na análise de trechos verbo-visuais dos volumes 1 a 9 da edição brasileira, com base na tríade analítica de Fairclough (prática textual, discursiva e sociocultural), complementada pelas noções de polifonia, formações discursivas e regimes de verdade. Os resultados indicam que a narrativa gráfica configura uma arena discursiva polifônica, onde diferentes vozes sociais disputam hegemonia simbólica. Observa-se que a ciência, embora apresentada como emancipadora, também opera como regime de verdade e mecanismo de controle ideológico. O estudo reafirma o potencial crítico das narrativas gráficas contemporâneas como espaços privilegiados para a circulação e contestação de ideologias em tempos de pós-verdade. O estudo articula a Análise Dialógica do Discurso e a semiótica peirceana para examinar os embates ideológicos em *Dr. Stone*, com foco nos efeitos de sentido produzidos pela oposição entre ciência, poder e moralidade.

ABSTRACT

This article aims to critically analyze the interdiscourses present in the manga *Dr. Stone* (2018–2020), based on the frameworks of Critical Discourse Analysis (Fairclough), Bakhtinian dialogism, and Foucault's archeo-genealogy. The investigation focuses on the symbolic opposition between the characters Senku and Tsukasa, articulating discourses on science, morality, and power. The methodology involves the analysis of verbal and visual excerpts from volumes 1 to 9 of the Brazilian edition, following Fairclough's analytical triad (textual, discursive, and sociocultural practices), and supported by the concepts of polyphony, discursive formations, and regimes of truth. The results indicate that the graphic narrative functions as a polyphonic discursive arena where different social voices dispute symbolic hegemony. It is observed that science, although portrayed as emancipatory, also operates as a regime of truth and a mechanism of ideological control. The study reaffirms the critical potential of contemporary graphic narratives as privileged spaces for the circulation and contestation of ideologies in the age of post-truth. This study combines Dialogic Discourse Analysis and Peircean semiotics to examine the ideological clashes in *Dr. Stone*, focusing on the effects of meaning produced by the opposition between science, power, and morality.

PALAVRAS-CHAVE

Análise Crítica do Discurso. Interdiscurso. Ciência. Poder. Mangá.

KEYWORDS

Critical Discourse Analysis. Interdiscourse. Science. Power. Manga.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS

Este artigo analisa o mangá *Dr. Stone*, que conta a história de um jovem cientista tentando reconstruir a civilização após um desastre global. A trama mostra o conflito entre dois personagens: um que usa a ciência para ajudar todos e outro que quer criar um novo mundo eliminando os considerados indesejáveis. O estudo mostra como o mangá trata de temas sérios, como poder, justiça e exclusão, por meio das falas e imagens dos personagens. Apesar de ser uma obra de entretenimento, a história levanta questões importantes sobre o uso da ciência, os limites da moral e os riscos de ideias extremas. A análise ajuda a entender como histórias em quadrinhos podem fazer críticas sociais e estimular reflexões sobre o mundo real.

Introdução

A crítica alegórica ao fascismo não é novidade nos quadrinhos – sejam eles nacionais, americanos ou nipônicos – que, enquanto (nona) arte, assumem, muitas vezes de forma explícita ou simbólica, cunhos político-ideológicos. Esses discursos gráficos estabelecem uma conexão simbólica com a dimensão do real, ultrapassando o caráter meramente escapista típico do gênero. Assim, as semióticas verbal e não verbal atuam integradamente, produzindo uma “sequência deliberada” de sentidos (Mccloud, 2005, p. 9) capaz de acompanhar o dinamismo das relações dialógicas.

Essa dinâmica insere-se no jogo de hierarquizações sociais, que inclui a ascensão de grupos doutrinários e os interesses que os sustentam. A noção de hegemonia deixa de ser apenas metáfora para se tornar elemento determinante no embate entre leis antagônicas, cujas disputas estabelecem uma ordem dominante que privilegia valores específicos de forma facciosa. Para aqueles considerados integrantes de determinado grupo, a repressão exercida como método de soberania pode ser percebida ora como constrangimento, altruísmo ou sacrifício, ora como uma satisfação velada pela máscara do mártir mitificado.

Em termos simples, a defesa da hierarquia como instrumento condutor de privilégios pode inquietar, ainda que represente um processo inconsciente. A validade moral de tal ato, por outro lado, pode ganhar diferentes percepções a partir da postura responsiva a qual se põe o falante. Dentro do movimento polifônico (Bakhtin, 1981), fala-se em protagonistas (deriva do grego *protagonistes*, de modo que “protos” pode ser entendido como principal ou primeiro e “agonistes” é traduzível como lutador ou competidor) e antagonistas (deriva do grego *antagonistes*, “adversário, rival”, acrescido de *anti*, “contra”, mais *agonizesthai*, “competir por um prêmio”, de *agon*, “competição”), cuja conduta pode ser subvertida graças à noção do anti-herói moderno, posicionado na narrativa, com uma moral ambígua que desafia as convenções tradicionais de heroísmo (Bakhtin, 1981).

A ele, este agente ambíguo e carnavalizado, pertence os “questionamentos que o narrador constrói para esta personagem” (Paranhos, 2009, p. 101), de modo que sua índole se revela dúbia, de jeito a emanar uma personalidade cômica e próxima do cotidiano identificável. Paralelamente, o vilão é amparado por valorações que, embora não exatamente desculpáveis, são compreendidas, acobertadas por um *pseudo* senso de justiça vendido pelos dizeres persuasivos que compõem o interdiscurso¹, quando expressos pelo intradiscurso. No contexto do romance russo, Bakhtin aponta na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* (1963) a variedade dialógica capaz de transitar do tom sério para o cômico, com o intuito de atingir propósitos ideológicos, jamais dotados da neutralidade.

A expressão do alienante, herói ou antagonico, é favorável ao que toma por si como certo em sua plenitude psíquica. Suas convicções os desconectam da realidade ficcional, põem à prova sua sanidade e acentuam o debate: o que é ou não moral? Até onde cabe a moralidade? A permutabilidade do discurso persuasivo mutila, transforma e reconfigura oligarquias, de maneira que o intradiscurso,

¹ No contexto do mangá, o intradiscurso reflete a perspectiva interna dos personagens, enquanto o 'interdiscurso' faz referência às influências externas, como as ideologias que permeiam a obra e seus impactos na moralidade dos personagens, especialmente Tsukasa, que usa a ideia de 'justiça' como justificativa para seu regime autoritário.

construído da estrutura discursiva hegemônica, é veiculado para compor um interdiscurso, um ajuntamento de subservientes cativados pela ideologia majoritária, perceptível pela identificação de Formações Discursivas (FDs). A visão foucaultiana (1986) as estabelece como condições de existência da enunciação, o que inclui “objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas” (p. 43). Nelas, os dizeres de terceiros se evidenciam, mesmo que sob a ótica de novas, sucessivas e particulares interpretações. Reverberam, sob um dado contexto, uma constância preponderante, inteligível termo a termo que compõem o dialogismo expresso.

Em contraponto, o arcabouço reinante do discurso hegemônico e seus contornos intrínsecos, materializados pelo texto, pode assumir interpretações distintas, a depender de quem observa e depreende o discurso. Falamos de múltiplas perspectivas percebíveis: a da personagem que assume posição de interlocutor, a do leitor da narrativa gráfica, a da posição privilegiada do artista enquanto produtor real das enunciações... Referimo-nos a sujeitos não passivos, que assumem posições responsáveis díspares, de características intelectuais igualmente descompassadas. Dissociar cada dizer como negativo ou positivo, ético ou antiético, fecunda as profusas possibilidades do dialogismo pós-estruturalista, suas rarefações e tensões fecundadas. Visões discordantes-desconexas são entrecruzadas no conflito que determinará a que, de fato, prevalecerá a ponto de compor uma “pós-verdade” – em que fatos objetivos se tornam menos influentes na formação da opinião pública do que os apelos a crenças pessoais e emoções.

As FDs mobilizam por refração o referente ideológico que molda o agir social no decurso da sobreposição de outro referente, geralmente esperado, consoante às necessidades coletivas ou à busca gananciosa em prol dos privilégios de uma certa esfera, instituição ou indivíduo – o líder. As estratégias que mantêm uma liderança sólida incluem a formação de alianças estáveis, estabelecidas pela crença compartilhada de forma voluntária entre os indivíduos da comunidade ou mesmo coagida – intelectualmente ou por meio da brutalidade – por aparelhos ideológicos (instituições) e seus mecanismos de dominação-barganha.

Proporcional à particularidade da causa, a persuasão e a barbaridade tornam-se parâmetros inevitáveis para a hegemonização consciente, unívoca, onde as posições de vencedor e perdedor, dominantes e dominados, são postas à prova. A representação simbólica desta disputa nas Histórias em Quadrinhos, entre quadros e requadros, na dimensão figurativa, requer a decodificação das personas que participam de dado evento comunicativo, as formas fáceis de representar seus diálogos (Fairclough, 2001), consoante a sua materialidade construída por signos. O texto em sua concretude acolhe discursos impalpáveis, todavia identificáveis e concordantes à intencionalidade discursiva do agente real – o autor (mangaká).

Com base nessas discussões, o presente estudo baliza-se ao primeiro arco da versão brasileira do mangá *shounen*² *Dr. Stone*, publicada pela editora Panini Comics desde 2018, cujo enredo acompanha o jovem prodígio Senku Ishigami, que desperta em um mundo pós-apocalíptico após toda a humanidade ser misteriosamente petrificada. Nesse panorama, as grandes invenções humanas

² Mangás focados no público masculino.

tornam-se distantes, exigindo serem redescobertas, o que o leva a fazer uso de seu intelecto desmedido para converter um vilarejo de aldeões, descendentes dos poucos astronautas que remaneceram à petrificação, em uma sociedade moderna, a qual batiza de Reino da Ciência. Sua visão hegemônica se contrapõe a de outro sobrevivente, Tsukubasa, o dito “maior primata do ensino médio”, defensor da lei do mais forte, cuja capacidade física excepcional ameaça os planos de Senku.

Cria-se aqui, portanto, um embate concreto e ideológico do Reino da Ciência versus o Império Tsukubasa, duas nações divergidas por ideais discrepantes que caminharão, literalmente, para uma guerra civil. Enquanto o primeiro grupo defende a evolução científica e tecnológica como método inerente à salvação, o segundo se movimenta convencido pela óptica de que os tiranos e irrelevantes, em sua perspectiva, devem ser exterminados, de modo a solucionar a corrupção hierárquica antes vigente. Compreender essa obra sob um olhar discursivo inclui assimilar a enunciação em sua bivalência, em um manejo de vozes e juízos subjetivos de valor que convergem ou se refutam, de maneira intrínseca ou extrínseca, conforme for a intenção do enredo, sua expressividade visual e suas necessidades temáticas.

A oposição simbólica entre Senku e Tsukasa pode ainda ser lida à luz de um paralelo histórico recorrente na tradição ocidental: o embate entre Atenas e Esparta. Enquanto Atenas é historicamente associada à valorização do conhecimento, da retórica, da técnica e da vida pública organizada em torno do logos, Esparta construiu sua identidade a partir da supremacia militar, da disciplina corporal e da subordinação do indivíduo a um ideal de força coletiva. Tal oposição, frequentemente mobilizada como metáfora de visões de mundo antagônicas, encontra ressonância no conflito diagético de *Dr. Stone*. Mais do que uma analogia histórica direta, trata-se de uma matriz simbólica que atravessa diferentes Formações Discursivas ao longo da história, reaparecendo na narrativa contemporânea como interdiscurso que atualiza antigas tensões entre razão e força, conhecimento e dominação, civilização e barbárie.

Este artigo propõe-se a analisar como tais discursos são construídos e articulados no mangá, considerando tanto a linguagem verbal quanto visual, a partir das lentes da Análise Crítica do Discurso (Fairclough), da filosofia da linguagem e do dialogismo (Bakhtin), e da arqueogenealogia do saber e do poder (Foucault). A pergunta central que orienta esta investigação é: como o mangá *Dr. Stone* estrutura, tensiona e ressignifica interdiscursos que legitimam diferentes regimes de verdade e modelos de governança sociopolítica?

1. Percurso da pesquisa

A Análise Crítica do Discurso (ACD) pode ser compreendida como o reconhecimento da construção da intencionalidade de um texto verbal ou não verbal, atrelada ao contexto de uma dada enunciação. Na perspectiva do círculo de Bakhtin (2003), o posicionamento teórico-analítico nasce de um olhar dialógico inerente ao sentido, que lhe agrega camadas valorativas características da língua e suas possibilidades. O discurso é entendido “como unidade empírica, material, é uma unidade somente

aparente, na medida em que se constrói a partir de um feixe de relações, de um campo complexo de discursos” (Zandwais, 2012, p. 44).

A tridimensionalidade do discurso proposta por Fairclough (2001) não se limita à análise dos textos verbais, mas também se estende à linguagem visual do mangá, considerando como os elementos gráficos, como os símbolos, cores e composições, participam da construção de significados, influenciam a recepção da obra e refletem práticas sociais e ideológicas em um contexto cultural específico. Nesse sentido, foram selecionados recortes entre os volumes 1 e 9 da versão brasileira de *Dr. Stone* (2018 – 2020). Com o propósito de localizar as barreiras intransponíveis onde o poder microfísico se constrói e, ao mesmo tempo, é deliberado em pacto social, determinados eventos da obra são apurados, no discernimento de que

o acontecimento não é da ordem dos corpos. Entretanto, ele não é imaterial; é sempre no âmbito da materialidade que ele se efetiva, que é feito; ele possui seu lugar e consiste na relação, coexistência dispersão, recorte, acumulação, seleção de elementos materiais; não é o ato nem a propriedade de um corpo; produz-se como efeito de e em uma dispersão material. (Foucault, 1996, p. 57-58).

Dele dissemina-se um egocentrismo, procedente do forjado patriarca de cada facção, a ingenuidade do submisso ao aparelho ideológico a qual lhe intervém, a hesitação do peão inseguro diante das próprias crenças, a superficialidade do agente duplo adepto de suas propensões e cobijas pessoais, o traidor dos domínios aos quais supostamente deveria defender. Para localizar as marcas discursivas que denunciem tais psiquês encobertas por vozes fictícias, subordinadas ao juízo de personalidades reais (do mangaká ao tradutor), em sua ordenação política-filosófica, buscou-se nos recortes selecionados:

- Reconhecer a construção ideológica dos personagens, que aqui consiste na identificação das correntes socioideológicas e históricas que influenciam sua caracterização, a exemplo do materialismo histórico marxista. Inclui-se a maneira como cada personagem é representado em nível estético e discursivo, como as relações de poder são estabelecidas e como suas ideologias são transmitidas;
- Verificar as escolhas vocabulares e lexicais que refletem as convicções e ideologias dos personagens, considerando também os códigos não-verbais que compõem a narrativa;
- Analisar as reflexões críticas e argumentativas das personagens, tanto na defesa quanto na recusa de ações violentas ou autoritárias, com o objetivo de construir uma ordem social utópica;
- Identificar intertextos de natureza manifesta ou constitutiva, a incluir a forma como as personalidades históricas são resimbolizadas em um contexto fantástico – mas que reflète normas e valores do mundo real;

- Compreender o assujeitamento das personagens decorrente do aparelho ideológico ao qual está subjugado (sociedade heteronormativa; lei do mais forte; estereótipos associados a um cargo/ocupação, como a lógica articulatória e aristotélica defendida por Senku). Inclui-se aqui suas características, motivações e relações com outros personagens.

Os eixos analíticos delineados são: (1) vozes e ideologias; (2) regimes de verdade e poder; (3) semiótica visual e seus efeitos de sentido; (4) intertextualidade e produção de subjetividades. Com esse fim, abstrai-se que cada formação ideológica se encaixa nas estruturas (ordens do discurso), que retroalimentam os eventos sincrônicos componentes do interdiscurso (Fairclough, 2001). A noção de [signo] “ideológico” e sua inclinação para o método marxista é definida em *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929) com a potencialidade de ressonâncias de sentido, típicas destes fenômenos, em que se transpõe acepções da realidade para consciência humana em sua abstração. “Toda oração é multifuncional e, assim, toda oração é uma combinação de significados ideacionais, interpessoais (identitários e relacionais) e textuais [...]”. (Fairclough, 2001, p. 104).

A materialização de cada acontecimento, mesmo que dentro de uma atmosfera ficcional e gráfica, torna-se passível de análise através da concepção tridimensional do discurso. Isso implica a compreensão de que os textos se inserem na prática discursiva, abrangendo sua produção, distribuição e consumo, enquanto se entrelaçam com práticas sociais que influenciam a construção de significados. A escolha pelos referenciais de Bakhtin e Fairclough para a análise de um mangá *shounen* justifica-se pela natureza complexa e polifônica desse gênero discursivo, que articula múltiplas linguagens – verbal, visual, simbólica – e mobiliza ideologias sob formas narrativas acessíveis e culturalmente marcadas.

Bakhtin (1981), ao conceber o discurso como fundamentalmente dialógico, oferece instrumental teórico para compreender como as vozes dos personagens, do narrador e do autor/mangaká entram em confronto ou cooperação dentro do enredo, constituindo um espaço polifônico de debate ideológico. Em obras como *Dr. Stone*, essa pluralidade é manifesta na oposição entre projetos civilizatórios antagônicos – ciência vs. força, progresso vs. exclusão –, o que permite aplicar tal conceito como chave interpretativa para os conflitos representados.

Por sua vez, a Análise Crítica do Discurso de Fairclough (2001) é particularmente adequada para analisar como os sentidos são construídos em práticas discursivas situadas histórica e socialmente. O discurso não se limita à narrativa ficcional: ele dialoga com práticas sociais, formas de poder, estruturas ideológicas e relações de dominação que atravessam o texto e suas imagens. Fairclough (2001) permite articular a microanálise dos enunciados às macroestruturas sociais que eles refletem ou contestam, sendo, portanto, essencial para uma leitura crítica das formações discursivas presentes na obra. Assim, o uso conjugado desses autores possibilita uma abordagem discursiva que respeita a complexidade do corpus, viabilizando a identificação de vozes sociais, estratégias argumentativas e mecanismos de naturalização ideológica na obra. Os painéis (figuras) apresentados lado a lado no decorrer das exemplificações não constituem sequência narrativa contínua, sendo aproximados exclusivamente para fins comparativos e analíticos.

2. As “stone wars” a partir do (inter)discurso

Este tópico dedica-se à análise dos elementos discursivos e semióticos presentes no mangá *Dr. Stone*, a partir dos recortes selecionados nos volumes 1 a 9. Ela será desenvolvida a partir da tríade metodológica de Fairclough: prática textual (análise das escolhas lexicais e visuais), discursiva (produção e circulação dos discursos na obra) e sociocultural (relações entre discurso e poder ideológico). Os referenciais de Bakhtin (voz social, polifonia, dialogismo) e Foucault (formações discursivas, regimes de verdade) são mobilizados como chaves interpretativas. Foram priorizados trechos em que há maior condensação de discursos sobre ciência, poder, exclusão e moralidade. Assim, busca-se revelar a complexidade polifônica da obra e as formas pelas quais ela promove uma disputa simbólica que ultrapassa a ficção, colocando em tensão questões contemporâneas de poder, ciência e moralidade.

Compreende-se os mangás como gêneros discursivos possuidores de uma linguagem multimodal e acessível a públicos diversos, capazes de seduzir e comunicar em diferentes níveis: “abordam temas históricos de diferentes formas, às vezes como entretenimento aparentemente inocente, às vezes como agentes formadores de opinião do governo e do ‘status quo’” (Santos; Vergueiro, 2011, p. 84).

Em *Dr. Stone*, Senku Ishigami representa a racionalidade científica, a ética da inclusão e o progresso compartilhado. Sua caracterização linguística, visual e simbólica reforça sua posição como agente do esclarecimento. Em contraponto, Tsukasa simboliza uma racionalidade violenta que associa justiça à eliminação dos “fracos”, encarnando uma visão distorcida do darwinismo social. A oposição entre esses polos permite uma leitura alegórica das disputas ideológicas contemporâneas, como o embate entre democracia e autoritarismo. Os recortes a seguir exemplificam as ideologias dos personagens e como estas refletem tensões sociais, políticas e culturais, a partir do diálogo entre vozes e práticas discursivas, conforme os objetivos delineados no tópico anterior.

A escolha lexical “primata” para se referir a Tsukasa (ver Figura 1) funciona como uma ordem taxonômica que nivela macacos, chimpanzés e gorilas ao *Homo sapiens*, mesmo que a racionalidade do último o distinga. A presença literal destes animais na obra, a exemplo dos quais observam a perspicácia de Senku e seu polegar opositor, conecta-se com a atmosfera primitiva que Riichiro Inagaki atribui ao mundo de pedra pós-apocalíptico. A humanidade regressa às suas origens, mas não a qualquer uma: o princípio bíblico dá lugar à evolução biológica, à noção de um velho mundo cujas transformações dimanam do que Charles Darwin alega como modificação natural da espécie humana, partida de um grande símio. O ambiente intelectual que parte da ótica de Senku, um prodígio da genialidade, é arquitetado por um campo semântico próprio do personagem, de jargões técnicos e bordões, onde o racional reina e o emocional se oculta.

A classificação do naturalista sueco Carolus Linnaeus aos humanos como uma dentre outras espécies (a ordem *Anthropomorpha*), segue polêmica na atualidade, ao soar para uns como o rebaixamento do ser dominante. Seu papel na vindoura concepção do Darwinismo o colocaria de contra o credo religioso e a noção do homem como a cria suprema divina. “Primata”, no contexto em que se manifesta, é correlato a força. Soa como título popular que atribuiu fama positiva a Tsukasa, cuja fisionomia avantajada se aproxima a de um gorila.

Nesse sentido, agrega poder ao antagonista, colocando-o no topo de uma posição hierárquica. A expressão facial transmite seriedade e resiliência, que também lhe atribui um olhar de “mau”, simbolicamente contraposto ao lado do “bem” (o de Senku). Ambos os personagens carregam o mesmo olhar sério, mas, enquanto o do protagonista sugere determinação, o do vilão demonstra seu desejo de exterminar o rival (ver Figura 2) – a não ser que este abdique da ideia de uma sociedade erguida pela ciência.

Logo, temos um ser plantígrado de peitorais e músculos salientados, de estatura protuberante para alguém do colegial. Quando posto em ação, Tsukasa movimenta-se como um atleta olímpico, forte e imparável. A nomenclatura “primata” viria a se legitimar por meio das habilidades físicas do oponente, a incluir sua capacidade de contra-atacar leões com facilidade. A brutalidade de um troglodita que lhe é conferida torna “primata” uma adjetivação ambígua, que na obra torna-se um desacato ou autoclassificação simbólica, usada por ambos os grupos. A repetibilidade lexical entre os que criam e depredam invenções científicas movimentam seus sentidos, a incluir contradições discursivas (o que seria um insulto tornar-se-ia elogio e vice-versa), suas interpelações políticas na tentativa de apontar quem é dominador-dominado ou relativização do tratamento formal de dadas posições-sujeito. Entre o primata inteligente e o brutamontes, qual deles é dotado de superioridade natural?



FIGURA 1 – Trecho da página 11 de Dr. Stone vol. 02 (2018) (não sequencial ao painel seguinte).
Fonte: Riichiro Inagaki (2018).



FIGURA 2 – Trechos das páginas 19 e 20 de Dr. Stone vol. 02 (2018), respectivamente (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).
Fonte: Riichiro Inagaki (2018).

Após ser introduzido ao enredo como suposto aliado, Tsukasa revela suas intenções dúbias ao quebrar pessoas vivas petrificadas “a sangue frio”. Antes mesmo que se formem times grandes e complexos, o conflito entre (anti) herói e vilão logo é substanciado à ideia de uma luta mortal entre inimigos (ver Figura 2), ou ainda ao embate “reino da ciência versus império militar” (ver Figura 3). O mangá constrói – e tensiona – regimes discursivos que legitimam ou contestam práticas como o extermínio, o autoritarismo ou a ciência como instrumento de controle. Com base em Foucault (1986) e seu conceito de regimes de verdade, percebe-se como o discurso científico de Senku adquire legitimidade dentro da narrativa, enquanto a visão eugenista de Tsukasa se constrói como resistência ao poder institucionalizado, revelando uma disputa ideológica que espelha tensões contemporâneas.

A concepção plural de reino associa-se à riqueza, monarquia. Ao conhecimento humano, incumbe-se um patrimônio a ser (re) conquistado, enquanto Senku, o “escolhido”, assumiria posição equiparável a de um rei: o chefe de um vilarejo patriarcal, formado por descendentes de seu pai. “Império”, contraposta a sua conotação positiva de uma instituição social fortificada, é inerente a uma supremacia abusiva, derrubável, opressora pela brutalidade. Ou, como posto pelo próprio Tsukasa, aquilo que domina pela força.

Substanciam-se as relações antagônicas com a repetição demasiada da palavra “ciência”, recorrente por toda obra: “a arma da ciência”, “o poder da ciência”, “o cara da ciência” que deve ser morto para a manutenção da ordem. Essa assiduidade ratifica a ciência como prática coletiva e emancipadora. Sua linguagem é permeada por vocábulos técnicos, intertextos científicos e uma lógica argumentativa aristotélica. Tsukasa, em sua estética primitiva, constrói seu discurso com base na força física, no ressentimento contra os antigos poderes e em uma visão moralizante de pureza social. Suas falas se aproximam de uma retórica populista, marcada por apelos emocionais e exclusivistas. A celebração da ciência é simbolicamente associada a uma sociedade horizontal, enquanto a ratificação do genocídio se equivale a um império vertical, hierárquico e excludente. A hegemonia torna-se, assim, objeto de disputa entre dois modelos de sociedade.

A simplificação do conflito de maneira maniqueísta, evidenciando a oposição entre o lado certo (bem) e o errado (mal) não imune, todavia, a necessidade (e interesse) de Senku em seus amigos na pólvora, matéria prima para o armamento. Seu vindouro poderio militar, no entanto, não é associado ao genocídio compositor dos ideais de Tsukasa, por estarem nas mãos certas: o lado pensante, defensor da evolução tecnológica, que fará das armas de fogo sustentadoras da “paz”. Termos como “progresso”, “racionalidade” e “conhecimento” também podem ser vistos no decorrer da obra, todos associados à ideologia científica.

A centralidade da ciência como solução absoluta e incontestável, promovida por Senku, inscreve-se no que Foucault (1996) denomina “política da verdade”: um conjunto de discursos e práticas que produzem e legitimam determinadas verdades como universais e objetivas, naturalizando-as dentro de um regime discursivo. O discurso científico é mobilizado por Senku não apenas como ferramenta de sobrevivência, mas como mecanismo de hegemonia simbólica, por meio do qual ele reorganiza o tecido social, subordina saberes tradicionais e condiciona alianças. A promessa de um “reino da ciência” supõe uma ordem discursiva onde a verdade científica substitui qualquer forma alternativa de

conhecimento ou crença, inclusive éticas ou espirituais. Assim, o que se apresenta como neutralidade ou benevolência técnica revela-se como uma forma de governamentalidade discursiva, na qual a ciência se torna o novo critério de validação do real – um critério que, ao mesmo tempo que emancipa, subjuga e reorganiza.

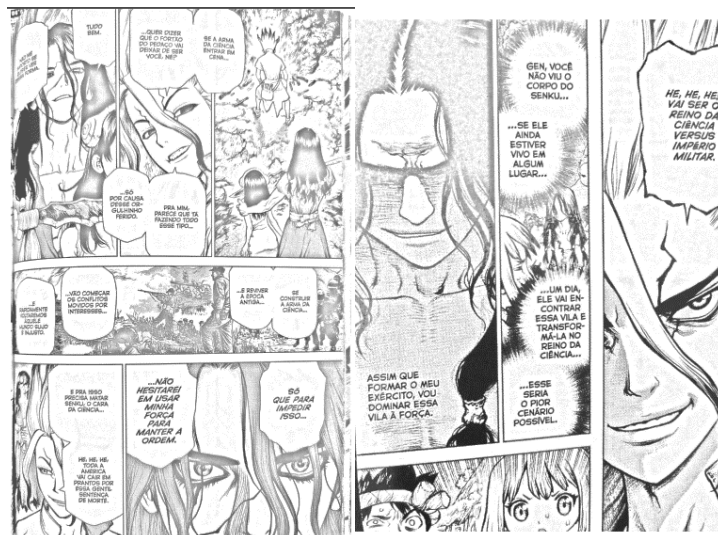


FIGURA 3 – Trechos das páginas 34 de Dr. Stone vol. 02 (2018) e 4 de Dr. Stone vol. 04 (2019) (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).

Fonte: Riichiro Inagaki (2018/2019).

Em oposição, Tsukasa defende o genocídio para evitar a reconstrução do que chama de “mundo sujo e injusto” (ver Figura 3), em que se manifestam as desigualdades do capitalismo. Senku retruca com ironia e coloquialidade, via formas linguístico-discursivas antitéticas: “fortão do pedaço” (vulgaridade); “orgulhinho ferido” (diminutivo usado como injúria); “gentil sentença de morte” (colocação sarcástica). As informalidades de seu contradiscurso relevam a linguagem como lugar de confronto ideológico, em sua heterogeneidade. Às escolhas lexicais de Tsukasa, vê-se a hegemonia, que se relaciona diretamente com o olhar marxista. Para Karl Marx, a ideologia aliena o homem, que não compreende a própria realidade e sua imposição de classes/castas (Bakhtin, 1929). Os discursos de Tsukasa são atravessados pelo de Marx em sua constitucionalidade. Soma-se ao marxismo o clichê do gênero em posicionar a amizade e a solidão como fatores condicionais de vitória-derrota, respectivamente (ver Figuras 4 e 5). Controversamente, o vilão torna-se aquilo que critica: um ditador autoritário aos moldes da antiga humanidade.



FIGURA 4 – Trecho da página 37 de Dr. Stone vol. 02 (2018) (não sequencial ao painel seguinte).
Fonte: Riichiro Inagaki (2018).



FIGURA 5 – Trecho da página 45 de Dr. Stone vol. 02 (2018) (não sequencial ao painel seguinte).
Fonte: Riichiro Inagaki (2018).

A abordagem hegemônica posta pelo mangaká Inagaki suplanta a ordem política para resguardar unidades doutrinárias de compleições sociais, históricas e culturais. O progresso político-prático de Senku em seu objetivo de reinstaurar a genialidade da era pós-moderna inclui desafiar valores retrógrados instaurados após a petrificação: O vilarejo Ishigami em sua heteronormatividade inclui um estilo de vida patriarcal, em que a supremacia enquanto domínio/direção intelectual/moral condensa laços de submissão cega e estruturas inflexíveis – Por vezes subvertidas como meros sacrifícios de ordem econômica-institucional ou contornadas apenas por interesses pessoais.

O aparato hegemônico do homem como um ser naturalmente superior é prescrito pelo domínio discursivo da nação pautada pela defesa da ciência, materializado discursivamente pelo texto verbal (ver Figura 6). A objetificação da mulher, defendida pelo antagonista temporário Magma, é subvertida pela postura responsiva emancipada de personagens femininas como Yuzuriha e Kohaku, em defesa da igualdade de tratamentos. Kohaku em sua personalidade bruta e heteróclita é comicamente comparada a um gorila, enquanto léxicos como “sortudas” e “garotinha” reforçam a intenção de posicioná-la como subordinada, inferiorizada. Ao homem, atribui-se um orgulho inerente ao patriarcado, expresso, inclusive, por aliados do vilarejo Ishigami/Reino da Ciência (ver Figura 7).



FIGURA 6 – Página 81 de Dr. Stone vol. 02 (2018) (não sequencial ao painel seguinte).
Fonte: Riichiro Inagaki (2018).



FIGURA 7 – Trechos das páginas 29, 30, 185 e 31 de Dr. Stone vol. 04 (2019) (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).
Fonte: Riichiro Inagaki (2018).

Na Figura 8, o léxico “primata” segue com uma conotação positiva, enquanto a expressão “tô empolgado” (“isso é tão empolgante” na dublagem brasileira do animê) viria a ser um bordão do protagonista para se referir às expectativas de reconstruir a sociedade pós-moderna. “Primitivo”, por outro lado, carrega uma acepção de ofensa, sustentada pelos léxicos “meros” e “miolo mole”:



FIGURA 8 – Trechos das páginas 138 de Dr. Stone vol. 02 (2018) e 125 de Dr. Stone vol. 09 (2020) (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).

Fonte: Riichiro Inagaki (2018).

A intertextualidade predominantemente constitutiva (interdiscurso), enquanto estratégia de aproximação do cenário dialógico ficcional com o leitor, alterna com pontuais (e instáveis) aparições da intertextualidade manifesta, seja na menção vocabular a pessoas reais, sua representação gráfica na composição visual das cenas, ou ambos, criando um intertexto multimodal (ver Figura 9). A primeira configura na recorrência explícita a outros textos, específicos, de modo a complementar ou antagonizar ideias. Neste caso, a realidade complementa a ficção, ou ainda, atribui verossimilidade à trama. A intertextualidade interdiscursiva, em sua subjetividade, ocorre nas marcas estilísticas do discurso, em conformidade com suas escolhas paradigmáticas, estrutura composicional e contexto, que os demarcam como pertencentes a um dado domínio discursivo (Fairclough, 2001).



FIGURA 9 – Trechos das páginas 144 de Dr. Stone vol. 02 (2018) e 22 de Dr. Stone vol. 06 (2019) (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).

Fonte: Riichiro Inagaki (2018/2019).

No decorrer do arco narrativo, nota-se que o Reino da Ciência ganha os “holofotes” do requadro, ou seja, dispõe de maior presença do que o Império Tsukasa no enredo. Ocorre que quase tudo parte da perspectiva de Senku, cujas deduções e suposições sobre o inimigo se revelam certas com certa assiduidade. Dessa forma, o “poder” da ciência assume o caminho para a “pós-verdade”, a vitória e a subjugação dos adversários.

A noção de pós-verdade, em vista que a verdade é efeito de práticas discursivas (Foucault, 1996) é incorporada à diegese quando o saber científico, em vez de ser ferramenta de emancipação, é instrumentalizado para manipulação, alianças frágeis e narrativas de dominação. Senku, mesmo sendo agente da racionalidade, explora a credulidade dos sujeitos para firmar pactos baseados mais

em desejo (refrigerante, comida, status) do que em ética, o que distorce a imagem da ciência como verdade inquestionável.

O enfoque no vilarejo Ishigami/Reino da Ciência posiciona Tsukasa, majoritariamente, manifestado por um discurso indireto (ver Figura 10), o que não significa a total ausência de seus dizeres próprios. O discurso aqui expõe continuamente a relação contexto-texto-significado: o campo semântico predominante passa a ser formado de jargões típicos de uma guerra santa: “doutrinar”, “purificação”, “derrubar”, a inserção de “espiões”, suavizados, todavia, pelos ideais dogmáticos que situam os jovens como o futuro da nação, além da valorização da união como caminho para a “revolução” (ver Figura 11).



FIGURA 10 – Trechos das páginas 162 e 163 de Dr. Stone vol. 02 (2018) (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).

Fonte: Riichiro Inagaki (2018).

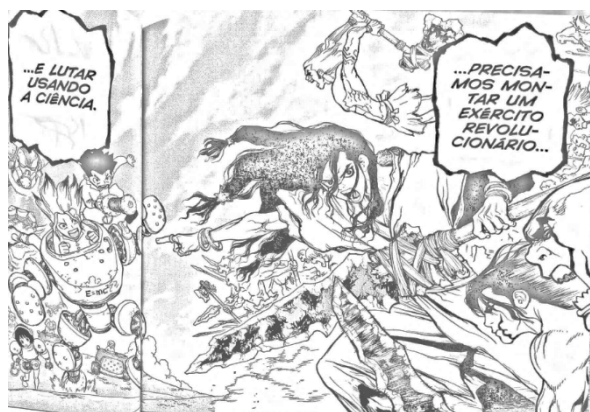


FIGURA 11 – Trecho das páginas 164 e 165 de Dr. Stone vol. 02 (2018) (não sequencial ao painel seguinte).

Fonte: Riichiro Inagaki (2018).

A submissão incondicional dos jovens ao patriarcado arcaico (ver Figura 12) é posta como um absolutismo a ser rompido pela perplexidade do potencial da ciência. Todavia, é válido observar que temas como machismo e sexismo aparecem de forma mais cômica do que problematizada – ou sequer recorrente. É cabível para reflexão: o humor esvazia a crítica ou a potencializa? O humor gráfico historicamente opera como um de seus principais vetores de intensificação. Desde sua consolidação na imprensa, o humor visual constitui-se como estratégia discursiva de ataque simbólico às autoridades, às instituições e às estruturas de poder, funcionando como forma de desnaturalização do dominante.

A própria noção de charge carrega essa dimensão combativa, ao investir o riso de uma carga crítica capaz de tensionar discursos hegemônicos por meio da ironia, da hipérbole e da caricatura. No caso de *Dr. Stone*, o humor não atua como atenuante ideológico, mas como mecanismo de potencialização da crítica, ao expor contradições morais, políticas e sociais sob uma forma aparentemente lúdica, que amplia sua circulação e impacto interpretativo.

Expressões lexicais como “É tudo bem simples.” e “regras são regras.../...e ponto” tornam-se um reducionismo da realidade, desconstruído em sequência pelas intervenções científicas de Senku. A visão inicial de Kinrou, guarda do vilarejo (peão), é propositalmente simplista, a delimitar-se a seu próprio eixo de convicções assujeitadas: Se algo é dito como verdade, ela será, ignorando expectativas exteriores ao seu auto senso de veracidade. Já a Senku, as escolhas gramaticais por ele ecoadas o tornam um rapaz de arrogante, manipulador, de forte – porém falso – senso de superioridade e caráter maquiavélico (ver Figuras 13 e 14). Sua bivocalidade, somada a ampla interpretação do intertexto, contradizem suas palavras, ao revelar-lhe seu lado emocional oculto, porém deduzível por todos.

Em contrapartida, a semântica vista nos dizeres do anti-herói remetem ao discurso colonial: a ciência torna-se – literalmente – isca para prospecção de mão de obra (ver Figura 14). A ausência da ética soa intencionalmente cômica, corroborada pelo texto não verbal em seu tom pilhérico e hiperbolizado, um efeito provocado pela subversão da postura ética esperada pelo benfeitor, acrescida da naturalização devassada de práticas coloniais – Mais uma vez remetendo aos primórdios das relações intercambiais do homem. O intertexto constitutivo, beirando à nitidez, alude ao domínio europeu das terras sul-americanas, a incluir a compra do trabalho indígena por meio de bens materiais a eles desconhecidos:

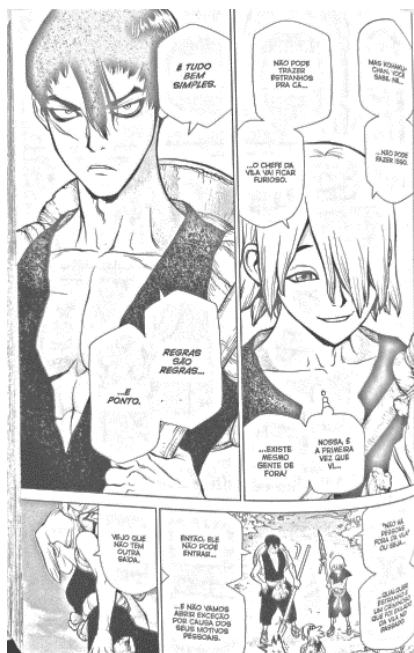


FIGURA 12 – Página 23 de *Dr. Stone* vol. 03 (2019) (não sequencial ao painel seguinte).

Fonte: Riichiro Inagaki (2019).



FIGURA 13 – Trecho das páginas 27 e 42 de Dr. Stone vol. 03 (2019) (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).
Fonte: Riichiro Inagaki (2019).



FIGURA 14 – Trechos das páginas 80 e 116 de Dr. Stone vol. 03 (2019) (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).
Fonte: Riichiro Inagaki (2019).

A amenidade da dominação prometida por Senku, o colonizador do “novo mundo”, é erigida pela banalização dos bens de barganha: a reinvenção do lámen substitui ouro, joias e especiarias. A concepção de “nobreza” se contrasta com “mal” (ver Figura 15), ao mesmo tempo em que o escambo de interesses recebe novas e trivializadas dimensões: Gen Asagiri, mentalista ressuscitado por Tsukasa, opera como agente duplo, adepto a suas próprias predileções. Seu lado, de início, é referido como aquele que se sobrepua. Seu maior interesse, uma garrafa de refrigerante que alude visualmente à marca Coca-Cola, é suficiente para comprar sua lealdade ao Reino da Ciência. Como diz o próprio Senku, tem-se “a aliança mais frágil do mundo” (ver Figuras 16 e 17). Mas não seria essa a verdadeira definição do capitalismo? A barganha entre tecnologia e submissão evoca práticas coloniais que remontam ao encontro entre europeus e ameríndios. O lámen e o refrigerante não apenas parodiam os ‘espólios’ do colonialismo, mas também representam, no campo simbólico, a banalização do consumo como mecanismo de dominação.

A oferta da tecnologia torna-se um *apparatus*, que designa um conjunto heterogêneo de discursos, instituições, práticas, normas e saberes que funcionam para regular comportamentos e exercer poder numa dada sociedade. Falamos então do poder capitalista no que talvez seja seu maior símbolo. Ou somente mais um reducionismo humorístico entregue pelo enredo? As simplificações da lógica relacional humana ganham mais aliados discursivos, dentre eles o método dedutivo – interpretação de tendência equívoca que parte do geral para o particular – e a positividade trivial dos termos que acompanham “ciência”: “Esse tal de tsukasa é uma pessoa ruim.../...e o Gen é amigo dele?/Então o Gen é uma pessoa ruim!”, “o reino da ciência.../...é bem mais divertido!” (ver Figura 17).



FIGURA 15 – Trecho da página 135 de Dr. Stone vol. 03 (2019) (não sequencial ao painel seguinte).

Fonte: Riichiro Inagaki (2019).



FIGURA 16 – Páginas 154 e 158 de Dr. Stone vol. 03 (2019) (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).

Fonte: Riichiro Inagaki (2019).



FIGURA 17 – Trechos das páginas 11, 12 e 25 de Dr. Stone vol. 04 (2019) (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).

Fonte: Riichiro Inagaki (2019).

O orgulho masculino, do medo da inferioridade (ver Figura 18) ao reforço do patriarcado segue evidenciado. O repúdio ao reconhecimento de inferior e o acolhimento ao status de superior (ou igual) dialoga com o intertexto da obra, remetendo a evolucionismo e domínio do primata mais resiliente, seja pela força bruta ou astúcia/inteligência. Kinrou, ao dizer “um homem de verdade”, preconiza o discurso machista, similar ao pai de Kohaku, Kokuyo, que julga ser indigno um homem perder um combate corpo a corpo com uma mulher. A desconstrução gradual da heteronormatividade pela expansão da tecnologia soa mais como um efeito colateral do que uma preocupação crucial a ser remodelada por Senku, novo chefe do vilarejo, posição essa alcançada pela estratégia acima da brutalidade e da própria ética. Nota-se, aliás, seu descaso cômico com os dizeres “honra” e “dignidade” (ver Figura 19).



FIGURA 18 – Trechos das páginas 65, 118 e 160 de Dr. Stone vol. 04 (2019) (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).

Fonte: Riichiro Inagaki (2019).

No âmbito da Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001), especificamente a tríade analítica composta pela prática textual, prática discursiva e prática sociocultural, vê-se que a prática textual se manifesta nas escolhas lexicais e estruturais do discurso, carregadas de valores axiológicos e ideológicos. Essas palavras, em sua circulação discursiva, configuram práticas discursivas que legitimam certas formas de poder e controle social – por exemplo, a “honra” e a “dignidade” associadas ao patriarcado reforçam a superioridade masculina, enquanto o termo “mal” é mobilizado para desqualificar os antagonistas e justificar práticas autoritárias.

A controversa (ausência de) moralidade no Reino da Ciência (lado do bem) é posta em escanteio pela ameaça genocida de Tsukasa e seus seguidores. O texto, mesmo quando materializa a dimensão do inconsciente das personagens (ver Figura 20), procura explicitar aquilo que faz de um antagonista um autêntico vilão: Hyoga, braço direito de Tsukasa, revela-se disposto a sacrificar seus aliados em prol da causa em que acredita. Esta é uma disputável procura pela ordem social que lhe é utópica, oposta à de 2019 (ver Figura 20), ano em que ocorrera a petrificação. Purificar a “humanidade suja” é o feito condicionante para a criação de um “novo mundo”, de modo que os fins de Tsukasa justificariam seus meios: uma alegada “triagem” (eufemismo para o genocídio) de jovens a não serem destruídos, ao contrário dos antigos privilegiados, sentenciados à morte: “Quem um dia já teve dinheiro sem ter que se esforçar, jamais vai querer abrir mão disso.” (ver Figura 20), uma condição conclusiva da corrente marxista.



FIGURA 19 – Trechos das páginas 175 de Dr. Stone vol. 04 (2019) e 74 de Dr. Stone vol. 06 (2019) (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).

Fonte: Riichiro Inagaki (2019).



FIGURA 20 – Trechos das páginas 135, 136 e 137 de Dr. Stone vol. 06 (2019) (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).

Fonte: Riichiro Inagaki (2019).

A heterogeneidade de interações discursivas e personas que compõem o time de Senku também se faz presente no Império Tsukasa: cada personagem possui sua própria voz, ainda que assujeitada pela cegueira da submissão, voluntária ou imposta. Igualmente atuam em um contexto concreto de comunicação/leitura, unidos aos elementos verbo-visuais constitutivos do enunciado que alçam a esfera simbólica, ou seja, são capazes de produzir sentidos. O autor busca orientar os sentidos em relação ao seu interlocutor, o leitor, que igualmente produz uma série de deslocamentos não esperados ou controlados, conforme forem os valores axiológicos que o constituem. Informações complexas se sintetizam em enunciados únicos, que se subentendem a um contexto ideológico, numa acepção bakhtiniana (1981).

A plausível interpretação de que as “armas da ciência” enquanto espólios de guerra significam uma condescendência dos protagonismos à violência como mecanismo de justiça é refutada pela construção diegética de dois aliados de Tsukasa, recrutados pelo próprio: You é descrito como um ex-policia de índole violenta, contrário à impunidade de “bandidos” e a favor de suas mortes, sem julgamento (ver Figura 21). É desenhado com um olhar frio, cabelos espetados e o olho direito coberto, vestindo-se como um bárbaro. Na dublagem de sua versão em animê (pt-BR), You ganharia falas tais como “bandido bom é bandido morto”. “É feio tirar sarro de alguém com conhecimento restrito.”, debocha ao se dirigir a Chrome, cientista e amigo de Senku que não vivenciou a realidade pré-petrificação.

A elocução ganha o sentido sarcástico consoante ao contexto em que se apresenta, sendo seguida por risadas e outras provocações. Há uma macro dimensão em que a ironia não ocorre por sua depreciação a Chrome, mas sim pelo fato de que o próprio You é desprovido do conhecimento científico e, ainda assim, se considere um ser superior (ver Figura 21) a ponto de chamar o adversário depreciativamente de “burro”. “Não existe impunidade.../...mas com isso tua dívida tá paga.”, alega, solidando sua controversa visão de mundo (ver Figura 21).

O enunciado é produto da interação sociocultural, não monológico, mas sim dialógico, carregado das vozes que nele circulam, assumindo um caráter responsivo diante de enunciados anteriores (reais ou pressentidos), em uma cadeia contínua e ininterrupta (Bakhtin, 1981). Além disso, toda enunciação é necessariamente marcada por visões de mundo e juízos valorativos, dentro de uma discussão ideológica mais ampla, parte integrante do fluxo ininterrupto da comunicação. O mau-caratismo de You contrasta com o purismo de Ukyou, arqueiro do Império Tsukasa. As locuções adjetivas “idealista supergentil”, “egoísta”, “pessoa mais covarde que existe” expõe seu real almejo pela salvação de todos no campo de batalha. Em seu argumento de repúdio a Tsukasa (ver Figura 22), o discurso indireto ilustra o caráter ordinário de sua “pós-verdade”: humanos petrificados são coisificados, o que, em sua lógica, o livra da posição de um assassino tirânico.



FIGURA 21 – Trechos das páginas 18, 26, 37 e 74 de Dr. Stone vol. 09 (2020), respectivamente (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).

Fonte: Riichiro Inagaki (2020).

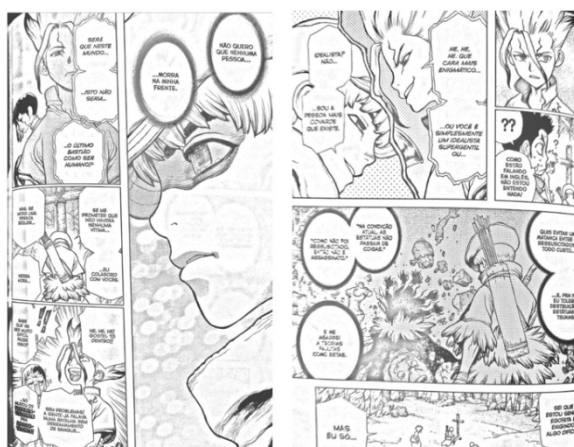


FIGURA 22 – Páginas 71 e 72 de Dr. Stone vol. 09 (2020) (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).

Fonte: Riichiro Inagaki (2020).

A vindoura redenção de Tsukasa é, aos poucos, sugerida, a exemplo de sua preocupação em honrar seus aliados mortos, contrastada ao desprezo de Hyoga por estes. “Ah... Sim”, frisa sua indiferença (ver Figura 23) e sugere sua iminente traição a Tsukasa após ser contrariado. Sobrepor um mau-caráter por outro é uma tática narrativa para enrijecer a absolvição do até então antagonista principal, o que não significa a total abdicação de seus ideais: Tsukasa correlata controle à força pura, sendo esta uma condição natural ofertada à humanidade.

O consenso definitivo entre a vitória de forças a definir a nova ordem social pode ser sintetizada por Senku durante a batalha final, ao afirmar que “o vencedor não será a força ou a ciência./Será a força e a ciência” (ver Figura 24). As conjunções “ou” e “e”, nesta ordem, transitam da alternância para a adição, o que antecipa sua aliança com Tsukasa para alcançar o fim do conflito. Robustez e sapiência, unidas, deverão ditar o futuro do “novo mundo”, embora, entre ambas, a ciência prevaleça como vencedora das “Stone Wars”. O que desarma Tsukasa e atribui a Hyoga a posição de vilão maior, fiel aos ideais genocidas, curiosamente, é uma aliança movida por interesses pessoais, usados categoricamente pelo mangaká Inagaki para humanizar suas ações impiedosas.



FIGURA 23– Página 75 de Dr. Stone vol. 09 (2020) (não sequencial ao painel seguinte).

Fonte: Riichiro Inagaki (2020).



FIGURA 24 – Página 126 e trecho da página 147 de Dr. Stone vol. 09 (2020) (painéis distintos, reunidos para fins analíticos).

Fonte: Riichiro Inagaki (2020).

Celebrações à parte, teríamos uma guerra dialógica nunca acabada? A oposição de perspectivas, de vozes (em termo bakhtiniano), prevê a todo instante um fechamento, uma síntese das ideias conflitadas. Sintetiza-se a “pós-verdade” campeã, concernente a voz-ideia de autor, de presença velada. A polifonia aqui não se encerra (não deveria, ao menos) por uma única voz que, supostamente, possa sintetizar ou subjugar as demais, sendo elas equipolentes. Mas, não há o que não possa ser resolvido com “10 bilhões por cento de certeza”, como diria Senku em seus bordões, pelos “macacos lisinhos” (Inagaki, 2019, p. 44) e seu poder da amizade, da ciência e, claro, um pouco de pólvora. Afinal, a superação da barbárie se dá pela razão ou apenas pela substituição de um tipo de poder por outro? – racionalizado, mas ainda assim hegemônico.

3. Considerações finais

Este estudo realizou uma análise crítica do mangá *Dr. Stone*, revelando as complexas articulações discursivas que permeiam a construção ideológica da narrativa, no que tange em particular à ciência, poder e pós-verdade. Ao evidenciar as vozes e interdiscursos que se entrelaçam no texto e seu intertexto, reafirma-se a importância de abordagens dialogais para compreender as dinâmicas do discurso contemporâneo em obras culturais, ampliando o campo da ADD.

O estudo evidenciou como a obra constitui um espaço discursivo polifônico onde diferentes visões de mundo e modelos de sociedade são postos em confronto. A ciência, apresentada como motor de emancipação, é também revelada como instrumento de poder e dominação, configurando um regime de verdade que naturaliza sua própria autoridade. A figura de Tsukasa, inicialmente antagonista, permite refletir sobre os limites éticos da resistência ao sistema hegemônico. Em contraponto, Senku encarna uma racionalidade que, embora progressista, instrumentaliza alianças e saberes em nome de uma ordem tecnocrática. Assim, o mangá permite compreender os modos pelos quais o discurso científico pode operar como tecnologia de poder, e como os quadrinhos se afirmam como gênero discursivo potente para tensionar ideologias em circulação.

As análises cometidas permitiram elencar as articulações possíveis entre elementos verbais e não verbais, que aqui foram hibridizados para se alcançar a construção simbólica de discursos discrepantes entre si. Também pôde-se compreender o intertexto por trás do texto, do ortodoxo ao revolucionário. Para isso, aferiu-se as condições de produção do dialogismo que, embora representativo nos quadrinhos nipônicos, lida com a ontologia de um contexto ficcional representante de vozes que ecoam na realidade. Personagens antagônicas conflitam – fisicamente e metafisicamente – suas Formações Ideológicas, conceitos díspares e manipulados em defesa de sua verdade individual, a “pós-verdade”. Esta é única, heterogênea, mutável à mercê das circunstâncias em que são inseridas pelo mangaká. É mediante essa circunstancialidade que abstrações como “ordem” e “poder” não se prendem a uma dada instituição ou personalidade. Nasce abstratamente das relações dialógicas e seus efeitos, que por consequente oportunizam novas conjunturas para a enunciação.

A intertextualidade constitutiva, em sua organicidade, prevê a ressignificação/reestruturação de textos anteriormente proferidos dentro e fora da diegese criada, a incluir FDs machistas, capitalistas, guerrilheiras, religiosas, alienadas e... Primitivas? Em paralelo, o intertexto manifesto recorre a elementos específicos de outros objetos textuais, explicitamente, de maneira a criar para com o leitor uma conexão entre a ficção e realidade. A menção evidente a figuras históricas como Albert Einsten e os Beatles é usada pela narrativa de maneira “parcial”: arquétipos positivos de enaltecimento dos saberes científicos e das artes humanas. Notou-se que não há um intertexto ostensivo, que aluda a personalidades tirânicas da história como Hitler, Tibério ou Napoleão. Logo, a conexão entre os ideais genocidas “vilanizados” e o real dialogam com o repertório específico do leitor e sua aprendizagem prévia das – antigas e vigentes – manifestações do fascismo em sociedade.

Afinal, o que constrói a liderança, se não as próprias relações de força embutidas nos aparelhos ideológicos do estado? A subordinação ao ser mitificado é uma relação assimétrica construída sob a eterna relativização da ética e seu despojamento, de modo que a opressão assume diferentes perspectivas (a da autoridade e a da subserviência), mesmo que aquelas condicionadas pelo mangaká. Seu claro exercício de correlação entre a autocracia de Tsukasa e o marxismo, contraposto ao enaltecimento da ciência, revelam a propensão ideológica de Inagaki: sua visão da sabedoria e tecnologia humanas como temática divertida e de potencial constructo social; o posicionamento do extermínio como rumo para uma esfera social distópica; crítica à hegemonia heteronormativa; a relativização das coações do sistema capitalista em sua dispendiosidade. Em *Dr. Stone*, a ciência é elevada a um status quase dogmático, em que sua associação com o bem comum não admite contestação significativa – ainda que também seja instrumentalizada para a guerra e dominação.

Nesse sentido, o discurso científico deixa de ser apenas técnico ou emancipador, para tornar-se também um discurso de poder, capaz de construir verdades unilaterais e legitimar ações de forma aparentemente neutra. Assim, a ciência narrada por Senku participa de uma lógica de pós-verdade ao sobrepor a complexidade ética dos eventos com uma retórica de progresso inevitável. O vilão é quase sempre construído por meio de um discurso indireto e interpretado por Senku, o que reforça a assimetria na disputa ideológica. Tal configuração problematiza a neutralidade da ciência, revelando como ela pode ser apropriada como regime de verdade, capaz de excluir, silenciar ou deslegitimar outras formas de saber e de existência.

Dr. Stone questiona os limites da moralidade, o papel da ciência na sociedade e as implicações do poder autoritário. Por meio da articulação entre discurso verbal e visual, constrói-se uma alegoria moderna do conflito entre civilização e barbárie, em que a ordem, quando forjada de um poder repressivo, estaria fadada (ou tendenciada) a sua derrocada. Assim, mostra-nos que clichês, por vezes, podem não ser inglórios e se fazer necessários, ao menos enquanto prepotências e intolerâncias – da heteronormatividade ao fascismo – seguirem como cenários factíveis fora da ficção.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v24i1.2326.R>

Resposta dos autores: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v24i1.2326.A>

Editora

Raquel Meister Ko. Freitag

Afiliação: Universidade Federal de Sergipe

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4972-4320>

RODADAS DE AVALIAÇÃO

Avaliador 1: Nobu Chinen

Afiliação: Universidade de São Paulo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3632-2354>

Avaliador 2: Luis Filipe Bantim de Assumpção

Afiliação: Universidade de Vassouras

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2031-9441>

AVALIADOR 1

O artigo traz uma proposta interessante, com referencial teórico adequado e metodologia apropriada. O texto está bem desenvolvido, embora recorra a uma linguagem prolixa, mas que não compromete a fluência da leitura. A conclusão está pertinente com o que foi desenvolvido, embora, em última instância, se refira a algo que já é senso comum que é ambiguidade quanto às realizações da ciência.

Ao afirmar: “A ciência, apresentada como motor de emancipação, é também revelada como instrumento de poder e dominação, configurando um regime de verdade que naturaliza sua própria autoridade.” o autor está repetindo um discurso antigo e válido em relação à uma série de avanços científicos como a energia nuclear, a manipulação genética e tantas outras conquistas que têm sempre um aspecto positivo, mas embutem um potencial de malignidade, de acordo com o seu uso.

Na questão do texto em si, recomendo uma revisão minuciosa para corrigir passagens como um “toda via”; “valido”, em lugar de válido; e censo, quando o correto é senso etc.

Uma vez que o artigo entra, ainda que superficialmente, em questões históricas, o autor fosse citar a oposição entre Atenas e Esparta, mesmo como simples ponto de partida. Ou seja, há um paralelo bastante semelhante com o embate entre Senku e Tsukasa, que poderia ser estabelecido entre duas visões de mundo conflitantes, e que mereceriam ser, pelo menos, mencionados.

Sobre a pergunta retórica, na página 17: “O humor esvazia a crítica ou potencializa?” Lembre-se de que o humor gráfico, que está na gênese dos quadrinhos como expressão e linguagem, nasce na imprensa como forma poderosamente crítica. A própria palavra “charge” que designa uma forma específica de humor gráfico tem essa conotação de ataque (de carga) às autoridades, às instituições, à situação política ou econômica. Em suma, o humor, se bem colocado e inteligentemente utilizado, potencializa e muito a crítica.

Pareceu um tanto forçada a referência ao bolsonarismo, na página 23. Uma porque é pouco provável, e a obra não apresenta nenhum sinal nesse sentido, que o autor tenha tomado conhecimento da existência do político brasileiro. A segunda razão é que o uso da frase citada “bandido bom é bandido morto” é anterior à ascensão de Bolsonaro e seus apoiadores ao poder. Ainda que se argumente que a tradução do animê tentou colocar Dr. Stone, no contexto político brasileiro atual, isso deve ser desenvolvido em um texto específico que analise a qualidade da tradução. Fica a impressão de que o autor do artigo quis deixar sua própria posição a respeito do assunto (e do político), o que, na minha opinião, é desnecessário para os propósitos do artigo.

AVALIADOR 2

O trabalho é interessante e tece considerações muito contundentes para o estudo de histórias em quadrinhos/mangá como instrumento de pesquisa e ensino. Entretanto, alguns aspectos precisam ser apontados.

Primeiro ponto é considerar que o primeiro parágrafo do segundo tópico poderia vir no resumo, uma vez que define de maneira objetiva a forma como os referenciais teórico-metodológicos foram articulados no texto. Um ponto que precisa ser modificado é a disposição das imagens, posto que páginas que não são sequenciais foram colocadas uma ao lado da outra, gerando a confusão acerca de sua leitura e análise (existe a impressão de continuidade, porém não é uma realidade para todos os exemplos mobilizados). É adequado que se faça uma revisão no conteúdo escrito, pois existem palavras que não foram padronizadas e o uso do acento grave não foi adequado na maioria dos casos.

RESPOSTA DOS AUTORES

Prezada Equipe Editorial da Revista da Abralín,

Agradeço à equipe editorial e aos pareceristas pela leitura atenta do manuscrito e pelas contribuições oferecidas, que foram fundamentais para o aprimoramento teórico, metodológico e formal do artigo. Todas as observações foram cuidadosamente analisadas e, conforme detalhado a seguir, devidamente incorporadas à versão revisada do texto.

Em relação ao parecer do primeiro parecerista:

Revisão linguística e ortográfica

Atendendo à recomendação, foi realizada uma revisão minuciosa do texto, com correção de problemas ortográficos e de acentuação, como “todavia”, “válido” e “senso”, entre outros ajustes pontuais, assegurando maior rigor formal e padronização linguística ao manuscrito.

Inserção do paralelo histórico entre Atenas e Esparta

A sugestão de estabelecer um paralelo entre a oposição Atenas/Esparta e o embate entre Senku e Tsukasa foi acolhida. Um parágrafo foi incluído na introdução do artigo, mobilizando essa oposição como matriz simbólica de visões de mundo conflitantes, sem incorrer em digressões historicistas, reforçando a leitura interdiscursiva proposta.

Questão do humor gráfico e da pergunta retórica

A observação foi incorporada ao texto por meio do desenvolvimento da questão levantada, explicitando-se que, em consonância com a tradição crítica do humor gráfico e da charge, o humor não esvazia, mas potencializa a crítica discursiva, funcionando como estratégia de tensionamento de discursos hegemônicos.

Referência ao contexto político brasileiro contemporâneo

A observação foi integralmente acolhida. O trecho que estabelecia uma relação direta com o contexto político brasileiro contemporâneo foi suprimido, evitando-se anacronismos autorais e deslocamentos de escopo. A análise do personagem foi mantida em nível discursivo mais geral, coerente com os objetivos do artigo e com o corpus analisado.

Em relação ao parecer do segundo parecerista:

Articulação teórico-metodológica no resumo

A observação foi acolhida parcialmente. Considerando os limites formais do resumo estabelecidos pela revista, optou-se por incorporar ao resumo uma formulação sintética da articulação teórico-metodológica desenvolvida no texto, mantendo-se o parágrafo no corpo do artigo para garantir a clareza da exposição.

Disposição das imagens

A observação foi acolhida. Considerando os limites formais de extensão do artigo, optou-se por não alterar a disposição material das imagens. No entanto, foram ajustadas as legendas e inserida indicação explícita no texto analítico de que os painéis apresentados lado a lado não constituem sequência narrativa contínua, sendo reunidos exclusivamente para fins comparativos, o que elimina a possibilidade de confusão na leitura.

Padronização lexical e uso do acento grave

Foi realizada uma revisão específica do uso do acento grave no manuscrito. Identificaram-se e corrigiram-se ocorrências indevidas, como o uso de crase antes de nomes próprios (“à Tsukasa”), bem como se procedeu à verificação geral da padronização lexical do texto, já ajustada na versão revisada.

Reitero meus agradecimentos pelas contribuições recebidas e coloco-me à disposição para eventuais esclarecimentos adicionais. Acredito que as revisões realizadas fortaleceram significativamente o manuscrito, tanto do ponto de vista analítico quanto formal. Considero que agora está apto para publicação.

Atenciosamente, Rodrigo Sérgio Ferreira de Paiva.

Conflito de Interesse

Os autores não têm conflitos de interesse a declarar.

Link para *Preprint*

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12098>

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Os autores confirmam que avaliaram os roteiros propostos pela Equator Network e consideram que nenhum deles se mostra relevante para a pesquisa em tela. Também informamos que a pesquisa desenvolvida não foi pré-registrada em repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

Fontes de financiamento

Bolsa integral na modalidade DOUTORADO concedida pelo PROGRAMA SUPORTE À PÓS-GRADUAÇÃO IES COMUNITÁRIAS/Edital Regulamento PROSUC (unificado), da CAPES.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem—problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo. São Paulo: Editora, v. 34, p. 2017, 1929.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoievski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981, p. 87-155.

BRITO, Luiz André Neves de. (Re) Lendo Michel Pêcheux: como a análise do discurso de linha francesa apreende a materialidade discursiva?. **Eutomia**, v. 1, n. 09, 2012.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2ª. Edição. São Paulo: Atlas, 2006.

BRANDÃO, Pedro José Arruda. **Momentos e quadriláteros**: a relação entre histórias em quadrinhos e silêncio. São Paulo: Histórias em quadrinhos, 2013.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001.

FOUCAULT, Michel. As formações discursivas in: **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Edições Loyola, 1996.

GREGOLIN, Maria Do Rosário Valencise. A análise do discurso: conceitos e aplicações. **Alfa: Revista de linguística**, 1995.

GROENSTEEN, Thierry. **Bande dessinée et narration: système de la bande dessinée** 2. Paris: PUF, 2011.

INAGAKI, Riichiro. **Dr. Stone** nº 02 a 09. São Paulo: Panini Comics, 2018 a 2020.

LUYTEN, Sônia. Onomatopeia e mimesis no mangá: a estética do som. **Revista USP**, n. 52, p. 176-189, 2002. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i52p176-189>. Acesso em: 23 mai. 2025.

MACHADO, Julio; TURATI, Carlos. Perspectivas metodológicas de Bakhtin, Ducrot e Carel para o letramento: uma hipótese de Procedimento polifônico. **Pesquisa Científica (Coleção 30 anos UEMG)**, Minas Gerais, editora UEMG, vol. 2, 1ª ed., 300-328, 2019. DOI <https://www.doi.org/10.36704/9788554780340>. Acesso em 23 mai. 2025.

MACIEL, Lucas. **RELAÇÕES DIALÓGICAS NA CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO DISCURSIVO: ANÁLISE DE UMA NARRATIVA DO VESTIBULAR UNICAMP**. 2014. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/340.pdf>. Acesso em: 18 jun 2023.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**: história, criação, desenho, animação, roteiro. São Paulo: M. Books do Brasil, 1993.

PARANHOS, Marília Cecília Rogers. “Todos os nomes”, de José Saramago: um texto entre dobras. **Abril – NEPA / UFF**, v. 2, n. 3, p. 99-108, 19 nov. 2009. DOI <https://doi.org/10.22409/abriluff.v2i3.29805>. Acesso em: 23 mai. 2025.

SANTOS, Roberto Elísio dos; VERGUEIRO, Waldomiro. **A história em quadrinhos no Brasil**: análise, evolução e mercado. **São Paulo: Editora Laços**, p. 218-240, 2011.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social crítica na era da comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1995.

ZANDWAIS, Ana. Reconfigurando a noção de formação discursiva: deslocamentos produzidos a partir de um contraponto. **Leitura**, n. 50, p. 41-59, 2012. DOI <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201250.41-59>. Acesso em: 23 mai. 2025.